

# COLETE encarnado

1 . 2 . 3 »« Julho 2011



Vila  
Franca  
de Xira



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



# XXII

# semana da cultura tauromáquica

## Sexta-feira | 24 JUNHO

21h00 **Peddy-Paper Taurino**

Org. Clube de Campismo "As Sentinelas"

## Sábado | 25 JUNHO

15h00 **Inauguração Oficial da Semana da Cultura Tauromáquica e das Exposições**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

### **Pintura de Ana Maria Malta**

Salão Nobre da Câmara Municipal Org. Escola de Toureiro José Falcão

### **Gravuras e Óleo - Júlio Pomar e a Tauromaquia**

Museu do Neo-Realismo Org. Museu do Neo-Realismo

### **Fotografia Taurina de Pedro Batalha e João Silva**

Museu Municipal de Vila Franca de Xira Org. Escola de Toureiro José Falcão

### **Capotes de Passeio**

Núcleo Museológico da Igreja do Mártir Santo Org. Casa Museu Mário Coelho

### **Pintura**

Clube Vilafranquense Org. Casa Museu Mário Coelho

### **Pintura / Cabeças de Touro**

Casa Museu Mário Coelho (Rua Dr. Miguel Bombarda, N.º 161)

Org. Casa Museu Mário Coelho

## 17h30 **Novilhada da Federação Internacional de Escolas**

Praça de Touros Palha Blanco Org. Escola de Toureiro José Falcão

## 20h30 **Jantar Ribatejano**

Arcadas da Praça de Touros Palha Blanco Org. Escola de Toureiro José Falcão

Inscrições até dia 20 de Junho no Posto de Turismo

## Domingo | 26 JUNHO

15h00 **Visita à Casa Museu Mário Coelho, seguida de Aperitivo**

17h00 **Descerramento de Placa de Homenagem à "História do Toureiro" em Vila Franca de Xira**

Largo Telmo Perdigão Org. Câmara Municipal / Casa Museu Mário Coelho

## 17h30 **Novilhada da Federação Internacional de Escolas**

Praça de Touros Palha Blanco Org. Escola de Toureiro José Falcão

## Segunda-feira | 27 JUNHO

17h00 **III Troféu Vítor Mendes**

Tentadero do Cabo Org. Escola de Toureiro José Falcão

21h30 **Colóquio "Corrida à Portuguesa"**

Auditório da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira Org. Tertúlia dos Forcados

Moderador: José Cáceres | Oradores: João Salgueiro / João Ribeiro Telles

## Terça-feira, 28 JUNHO

17h30 **Toureiro de Salão**

Praça Afonso de Albuquerque Org. Escola de Toureiro José Falcão

19h00 **Abertura das "Tertúlias na Rua"**

R. Almirante Cândido dos Reis Parceria: Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira

21h30 **Colóquio "A Mulher e a Festa"**

Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira Org. Casa Museu Mário Coelho

Moderadora: Sara Telles | Oradoras: Maria da Luz Rosinha - Presidente da Câmara Municipal de V. Franca de Xira . Beatriz Montejo - Cirurgiã . Maria José Cobaleda - Ganadera . Teresa Ojeda - Apoderada / Empresária . Cristina Sanchez - Matador

## Quarta-feira | 29 JUNHO

21h30 **Apresentação do documentário "O TOIRO", seguida de colóquio**

Salão Nobre da Câmara Municipal Org. Escola de Toureiro José Falcão

Moderadora: Maria da Luz Rosinha | Oradores: Vítor Mendes . João Folque Pedro Canas Vigouroux . Luís Procuna . Ricardo Levezinho

## Quinta-feira | 30 JUNHO

17h30 **Demonstração de Pegas**

Praça Afonso de Albuquerque Org. Escola de Toureiro José Falcão

20h00 **Jantar de Tertúlias**

Mercado Municipal

22h00 **Actuação de XIRA-BRASS**

Mercado Municipal de Vila Franca de Xira | Acompanhando a saída do Jantar das Tertúlias e posterior deslocação pela Av. Almirante Cândido dos Reis em direcção ao Cais de Vila Franca de Xira

22h30 **Inauguração da Jangada Cultural, com actuação de XIRA-BRASS**

Cais de Vila Franca de Xira

## Horários das Exposições

Das 15h00 às 19h00, excepto:

Museu Municipal e Núcleo Museológico do Mártir Santo

3.ª Feira a Domingo, das 09h30 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

Museu do Neo-Realismo

3.ª a 6.ª Feira, das 10h00 às 19h00

Sábados, das 12h00 às 19h00

Domingos, das 11h00 às 18h00

## ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira

Escola de Toureiro  
José Falcão

Casa Museu  
Mário Coelho

Forcados Amadores  
de Vila Franca de Xira

Clube de Campismo  
de Vila Franca de Xira  
«Os Sentinelas»

Biblioteca Municipal  
de Vila Franca de Xira

28 de Junho  
a 2 de Julho

Integrado na programação  
da 22.ª Semana da Cultura  
Tauromáquica

## "Francisco Rocha: imagem e aficção"

Ciclo de cinema  
tauromáquico

Sala Polivalente

28 Junho, 17h

"O Toiro"

29 Junho, 17h

"Simbiose Taurina"

30 Junho, 17h

"A Catedral"

1 Julho, 17h

"Vila Franca Terra Taurina  
e Toureira"

2 Julho, 15h

"A Corrida do Super  
Ambiente – Toiros de Morte  
em Vila Franca 1977"

Recepção (durante o período de  
funcionamento da Biblioteca)

28 Junho

"A Catedral"

29 Junho

"Vila Franca Terra Taurina e  
Toureira"

30 Junho

"José Falcão In Memoriam"

1 Julho

"Forcados Amadores de Vila  
Franca de Xira – Comemora-  
ções do 75.º Aniversário"

2 de Julho

"Simbiose Taurina"

## "Letras taurinas"

Exposição bibliográfica  
de livros, jornais e  
revistas sobre a temá-  
tica taurina

# colete encarnado 2011

## QUINTA-FEIRA, 30 DE JUNHO

**22h30** Inauguração da Jangada Cultural  
Actuação da Banda "Xirabress"

Cais de Vila Franca de Xira

## SEXTA-FEIRA, 1 DE JULHO

**17h00** Espera de Toiros seguida de largada

**20h30** Missa Rociera com o Coro Rociero "Amigos de Triana" seguida da actuação dos fadistas de Vila Franca na Paróquia de Vila F. de Xira (Igreja Matriz)

**22h15** Corrida de Toiros (Praça de Toiros Palha Blanco)

**23h00** Banda Lucky Duckies "Glamour e Nostalgia" (palco da Av. Pedro Victor)

## SÁBADO, 2 DE JULHO

**00h45** Banda Sigma Jogral Band

(palco da Av. Pedro Victor)

**10h00** Concentração de Campinos e deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino

(Av. Pedro Victor)

**16h00** Homenagem ao Campino na Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara) e Desfile

**18h30** Espera de Toiros seguida de largada

**22h30** Noite da Sardinha Assada

(Postos Públicos)

**23h30** Banda Baile Popular (João Gil e Adiafa)

(palco da Av. Pedro Victor)

## DOMINGO, 3 DE JULHO

**01h15** Banda Fúria do Açúcar

(palco da Av. Pedro Victor)

**02h00** Garraiada da Sardinha Assada

(Praça de Toiros Palha Blanco)

**10h30** Espera de Toiros seguida de largada

**18h00** Corrida de Toiros

(Praça de Toiros Palha Blanco)

**22h00** Fado com "José Perdigão e outros Fados"

(palco da Av. Pedro Victor)

**24h00** Encerramento do Colete Encarnado com Fogo-de-Artifício

(Cais de Vila Franca de Xira)



**Maria da Luz Rosinha**

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Com a chegada do Verão, nas ruas de Vila Franca de Xira e nos corações dos aficionados, é tempo de celebrar de novo a cultura tauromáquica que faz parte da nossa identidade. A Festa do Colete Encarnado é a Nossa Festa, e como tal, mesmo nos tempos mais difíceis, rodeamo-nos de amigos e daqueles que queiram juntar-se a nós, celebrando esta tradição que nos é tão cara.

São muitos os momentos de animação que integram o Colete Encarnado, pelo que os principais destaques poderá encontrá-los desde logo nesta mesma página, ficando é claro desde já o convite para participar. Estamos certos que a diversidade da oferta, quer na animação musical, quer no programa tauromáquico, dará oportunidade a que todos usufruam da melhor forma de cada um destes três dias festivos.

É claro que o principal destaque vai para a razão que está na origem do Colete Encarnado: a Homenagem ao Campino. Para este momento fica uma referência particular, porque é nessa figura que reconhecemos o símbolo da identidade de toda uma região. O Campino caracteriza-se pela capacidade de resistência face às adversidades, pela perseverança, mas também pela muita dedicação, pelo muito amor àquilo que faz e àquilo que é. Na Festa do Colete Encarnado homenageamos o Campino e encontramos nestes valores, também um pouco daquilo que somos.

É por estes valores que a cada ano nos renovamos nesta celebração das Festas do Colete Encarnado, dedicada a todos vós, que conosco participam! Sejam bem-vindos!



# Romão Guilherme

## distinguido para Pampilho de Honra 2011

*Campinar foi o que Romão Guilherme fez ao longo de mais de seis décadas. Apenas abandonou o seu ofício para servir Portugal, aquando da II Guerra Mundial, na Base das Lajes (Açores). Volvidos três anos, retomou a vida na qual cresceu, se fez homem e profissional. É recordado pelo filho como sendo honrado, trabalhador e temperamental, distinguiu-se pelo seu trabalho e no seio deste. Aqueles que no Ribatejo lidam com o gado nas típicas planícies reúnem-se a 2 de Julho, na afamada Praça do Município, em Vila Franca de Xira, para lhe prestarem uma última homenagem. O Pampilho de Honra da cerimónia que, anualmente, o Município Vila – Franquense dedica aos Campinos, no âmbito do Colete Encarnado, terá o seu nome inscrito.*

Aos 89 anos, a 18 de Fevereiro de 2011, a vitalidade com que sempre pautou a sua vida chegou ao fim, terminando assim um ciclo de duas gerações dedicadas à lide do gado. Optava sempre por fazê-lo a cavalo. O filho, José Augusto Baptista, conhecido por “Zé da Burra”, definiu-o como “cavaleiro exímio”. Era um trabalhador multifacetado, aliás a sua postura de trabalhador empenhado e as exigências da *faena*, assim o ditavam. Amava a arte do seu ofício, mais ainda quando os seus cabrestos eram requisitados para as Praças de Touros. Chegou a ser distinguido com o 1.º Prémio do Concurso de Jogos de Cabrestos na Feira Nacional da Agricultura de Santarém.

Curiosamente a sua carreira começou e terminou na Companhia das Lezírias. Iniciou-se pela mão do pai, após completar o terceiro ano do Ensino Básico, e terminou aos 70 anos, bem depois da idade na qual já lhe era devida a reforma. Mas o trabalho no campo para ele não terminou aqui: “quando se reformou ainda fez bastante. Tenho uma quinta no Alto da Agruela, para onde ele ia todos os dias para tratar dos animais que lá criava e onde fazia alguma agricultura. Só parou quando aos 84 anos teve uma trombose e com a qual perdeu alguma agilidade

pampilho de honra



motora. A partir daí comecei a ter medo dele ir para lá sozinho”, recordou o filho, com orgulho na tenacidade do Pampilho de Honra do Colete Encarnado 2011.

Ainda assim não se “afastou” do meio. Morador na Calçada da Barroca “Saía todos os dias e passava-os junto ao monumento ao campino, na companhia do Zé Canário”, recordou orgulhoso o filho que prosseguiu “era uma pessoa com uma forma de estar na vida muito regrada, o que o levou a envelhecer com uma boa saúde. Morreu completamente lúcido com uma pneumonia” disse-o com pesar.

Natural de Vila Franca de Xira, sempre viveu na sede de Concelho. A Festa do Colete Encarnado era-lhe cara, não só porque cresceu com ela, mas também porque era a festa de homenagem ao profissional do colete encarnado. Aquela servia para confraternizar, numa das escassas oportunidades de lazer que as lides campestres permitiam. Nesta edição, a sua ausência será especialmente denotada. À finitude da vida opõe-se a memória eterna de um campino respeitado pelos seus pares, cujo contributo para fomentar a arte da Campinagem é indiscutível. O Colete Encarnado vai, este ano, inscrever na história da Tauromaquia o seu nome.

### O percurso profissional

O pai do Pampilho de Honra, Augusto Guilherme (conhecido pela alcunha de Coquenim), era o encarregado da tralhoada da Companhia das Lezírias. Iniciou os filhos na arte. Chegada a idade adulta, Romão Guilherme é convocado pelo Serviço Militar Obrigatório, tendo sido destacado para a Base das Lajes, nos Açores e por lá esteve durante cerca de três anos. Findo este período, regressa a Vila Franca de Xira e recebe o convite para desempenhar as funções de maioral dos Touros Vinhas, da Herdade do Zambujal (Pegões – Marateca).

Posteriormente ingressa na ganadaria dos Andrade e Irmão e João Branco Núncio. Entretanto esta sociedade termina e nasce a Ganadaria do Dr. Fernando Andrade, que posteriormente se fundiu com a do seu genro, Dr. Fernando Salgueiro. Foi aqui, na Herdade Monte da Quinta, em S. Brás, Borralho, Benavente, que esteve mais de 20 anos encarregue da ganadaria.

O seu desafio seguinte foi a casa agrícola do Manuel César Rodrigues, na qual assumiu o destino da Coudelaria. À morte do ganadeiro, a casa agrícola extinguiu-se e Romão Guilherme ingressa na Companhia das Lezírias, desta feita para ocupar as funções de guarda, aproximadamente durante 15 anos, na Herdade do Cabeço da Aranha, junto ao Campo de Tiro de Alcochete. Ainda que sem funções permanentes na campinagem, sempre que necessário colaborava com os colegas da Companhia da Lezíria. Alturas houve que chegou a ser solicitado pelos ganadeiros das casas agrícolas das imediações. Conhecida a sua destreza na arte de lidar o gado bravo, os seus serviços eram muitas vezes solicitados para apartar gado ou até mesmo para o enjaular. Em 1992, quando já tinha 70 anos, deu por terminada a sua longa carreira. Toda a vida venceu o trabalho através do sacrifício, experiência e sabedoria. Não foi em vão. A sua Terra recorda-o com correspondente distinção.

# honra

Chocalhos Pardalinho

# A música do campo

*Símbolo de campo, o chocalho é ainda hoje o melhor meio de localizar o gado no pastoreio. Fomos a Alcáçovas (Viana do Alentejo) onde a actividade mais característica e tradicional é a produção de chocalhos. E quem ali fala neste utensílio fala dos chocalhos Pardalinho, que fornece Portugal de lés-a-lés.*





Três dias após a inauguração do novo espaço da empresa Pardalinho, Guilherme Maia e Francisco Cardoso, sócios, receberam-nos e falaram sobre a origem da empresa e a herança desta arte. A produção de chocalhos e respectiva técnica desenvolve-se habitualmente em círculos familiares muito fechados e Guilherme Maia herdou o ofício do pai, José, mestre chocalheiro, hoje com cerca de 50 anos de actividade, que por sua vez aprendeu com o tio Francisco Barroso. Mas de onde vem o nome Pardalinho? “Pardalinho é uma alcunha que o meu avô tinha”, explica Guilherme Maia. “Não sei a origem, mas passou de geração em geração e, quando no final de 2009 formámos uma sociedade, eu e o Francisco Cardoso, decidimos dar continuidade ao nome, fazer como que uma homenagem à arte que o meu pai engrandeceu, para além do prestígio que já fica associado”. José Maia, o mentor, reformou-se este ano e os jovens sócios decidiram transferir a oficina para um espaço maior, que permitisse agilizar o circuito de produção e onde pudessem criar um *showroom* no qual é agora possível a mostra, não só dos produtos como dos materiais e ferramentas que entram no processo de fabrico. Sinais de futuro para um tipo de artesanato que arrasta consigo uma antiga tradição. Até à data não se conhece a razão pela qual a localidade de Alcáçovas concentrou aqui o centro principal desta arte. Supõe-se que a abundante presença de judeus e árabes ferreiros, em anos distantes, esteja na génese da forte presença de tão reconhecidos chocalheiros. Certo é que a técnica de fabrico dos chocalhos segue o mesmo processo de manufacturação de há, pelo menos, 200 anos. Guilherme Maia, que cresceu no meio dos chocalhos, viu ali mais tarde, além de uma brincadeira, uma forma de ganhar um dinheiro extra para os caprichos de adolescente. Começou a trabalhar no fabrico do chocalho, aplicando os ensinamentos que o seu pai lhe dera desde tenra idade. Gosta de ser artesão mas destaca o seu sócio na Arte enquanto demonstra estar mais centrado no *marketing* da empresa. Salaria que o seu pai, fugindo à regra, ensinou o ofício a alguns filhos da terra que hoje trabalham com eles, continuando com vontade para ensinar a quem queira, para perpetuar uma das mais antigas artes manuais.

### **Chocalheiro: um músico que “trabalha por cima do céu”**

A família do chocalho é vasta, variam de tamanho, forma e no fim a que se destinam. E quando no silêncio do campo irrompem os sons dos chocalhos, poucos percebem que os mesmos têm diferentes melodias, também diferem no timbre. Quem lida com o gado exige uma determinada sonoridade para os chocalhos que encomenda. Campanilha, castelhano, manga, piquete, pecadeiro, reboleiro, reguengueiro, serrano, são alguns dos diferentes tipos de chocalho. A sua altura pode oscilar entre dois e 50cm e consoante o animal a que se destina, bem como a altura do ano em que servirá, assim será definido o tamanho. A estação do ano prende-se com a consequente altura da pastagem (que facilita ou não localização do gado).



Em tempo idos, os criadores chegavam a utilizar três mudas de chocalhos: na Primavera o chocalho grande e o médio e com a chegada do Verão, o mais pequeno. Agora o tamanho médio é o eleito todo o ano e os mais procurados são essencialmente dois tipos: o pecadeiro (para todo o tipo de gado – equino, ovino, caprino) e o reboleiro (com bojo, convexo e arredondado e de som mais grave, usado para os jogos de cabrestos). Quanto ao custo deste amigo do pastor, do campino e de outras figuras campestres pode ir dos 3,50€ aos 500/600,00€ o que significa que está apetrechado de todos os “extras”(mais pele, maiores e melhores fivelas). Devido ao trabalhoso processo de manufatura que o chocalho envolve, a Pardalinho consegue produzir seis chocalhos de tamanho médio por dia.

Quando perguntamos como se faz um chocalho, Guilherme Maia não hesita em levar-nos à primeira oficina que deu a conhecer o nome Pardalinho e onde encontrámos o mestre chocalheiro José Maia que nos mostrou, ao vivo, algumas fases do seu fabrico. De destacar, que pelo caminho entre as novas instalações e esta oficina, encontrámos, em pleno centro da vila, uma rotunda cujo elemento central era precisamente um chocalho de grande dimensão produzido por esta empresa. Tivemos, assim, o privilégio de ver e ouvir José Maia a explicar, com gosto, o seu ofício. E facilmente aferimos de como é árduo este processo. É algo moroso e faseado, talvez por isso esta arte leve tempo a aprender. Ao ser produzido, o chocalho passa cerca de 16 vezes pelas mãos de quem o constrói. Embarrar, rebolar ou embadalar são termos que fazem parte do processo mas, o ponto de partida é uma simples chapa de ferro polida. Sentado nos ancestrais bancos moldados pelo uso e que acompanham a família desde sempre, José Maia pega num rectângulo de

chapa previamente cortado (com a tesoura árabe) e adequado ao tamanho do chocalho pretendido e mete mãos ao trabalho. Com um martelo e a força do braço começa, em linguagem de chocalheiro, a “enrolar obra”, moldando-o na bigorna. Depois de dar corpo ao chocalho seguem-se os outros componentes – a asa (onde passa a coleira), o céu (que suporta o badalo) e os batentes (reforços onde toca o badalo). A folha é furada (com a ajuda de um ponteiro e de um martelo) para que seja colocado o céu moldado com um alicate e um martelo. Segue-se a moldagem e colocação da asa, um meio círculo em chapa. Pastores e maiorais costumam brincar, dizendo-lhes que eles, chocalheiros, “trabalham por cima do céu”, já que ao aplicar a asa do chocalho (última peça a ser colocada antes da metalização) têm o céu por baixo. Depois, os batentes (pequenos pedaços de chapa de latão) são aplicados nas paredes do chocalho para que, durante a metalização, derretam e selem as paredes. Segue-se o momento de forrar o molde de ferro com folha de bronze, que será ajustada por um processo de embarramento, isto é, a colocação de uma cobertura de barro amassado com palhinha de trigo - a moinha (que evita o rachar da massa), para que possa facilitar o derretimento do latão que, submetido a altas temperaturas, encarregar-se-á de cobrir todo o chocalho com uma fina camada protectora. No fundo do chocalho abre-se um furo para que a peça “respire” quando submetida ao forno. Terminada esta fase, o chocalho é secado ao ar livre. Vai então à forja ou



ao forno (que permite cozer mais chocalhos em simultâneo), retirando-se depois para passar à fase de rebolar, faz-se rolar o chocalho no chão liso para que o latão, enquanto líquido, cubra toda a peça. Por fim, é mergulhado em água fria para arrefecer e conferir-lhe um aspecto metalizado e acobreado. Parte-se a capa de barro que envolve o chocalho e segue-se o polimento para eliminar imperfeições derivadas da metalização. Aqui passa-se à sua afinação. O som não o engana, é preciso afinar um pouco mais, o mestre procura um som

límpido e ressonante. Com mais algumas marteladas ritmadas chegamos à melodia certa. Neste aspecto, não há como o veterano José Maia, o melhor “músico” desta família. Guilherme Maia refere que, mais do que muitos anos para saber afinar convenientemente é preciso “ter ouvido”. A fase final consiste na colocação do badalo (de madeira de azinho) e da coleira (feita em pele), fixa por uma fivela em latão, que permitirá a colocação nos pescoços das reses.



### Visão para o negócio

Embora a produção de chocalhos dependa ainda essencialmente das necessidades dos criadores de gado é notória a procura dos mesmos para outros fins, nomeadamente decorativos. Seguindo as tendências de mercado, os chocalhos Pardalinho não perderam tempo e produziram, imagine-se, candeeiros, já possíveis de apreciar no seu *showroom* e que iluminam inclusive aquele espaço. Tentam fomentar o negócio, descobrindo novos nichos de mercado, envolvendo-se já ao nível do *merchandising*, com inspiração no chocalho, desde porta-chaves a prémios e brindes, “porque o mercado ligado ao gado está envelhecer”, sublinha Guilherme Maia. Explica-nos ainda que a empresa participa apenas em feiras que considera estratégicas, onde lhes é exigido pouco investimento e se perspectiva retorno, ou imediatamente garantido ou ao nível de visibilidade internacional. “Fornecemos em grande escala para o Alentejo e Algarve e exportamos para França e Espanha. Brevemente entramos no mercado italiano”, diz convicto. Deixámos assim esta atarefada equipa a responder às encomendas pois não têm tempo a perder e na calha estão já algumas feiras em Espanha e outras em Portugal como a Ovibeja. Na despedida, Guilherme Maia lança com convicção o que bem poderia ser um *slogan* da Pardalinho: “Vamos chocalhar Portugal!”.



Campino Homenageado

# António Maria Abreu “Colorau”

*Com um sorriso franco e com 71 anos de campinagem, pois segundo o próprio, é campino desde que nasceu, António Maria Abreu, conhecido por todos os seus companheiros por António “Colorau”, é o reflexo do empenho e da dedicação à profissão. Uma vida cheia reconhecida nesta edição de 2011 do Colete Encarnado.*



## Um Filho da Casa onde trabalha

Nascido há 71 anos na Casa Emílio Infante da Câmara, onde trabalha até hoje, em Vale Figueira, Concelho de Santarém, António “Colorau”, filho e neto de funcionários da Casa, desde cedo mostrou vontade e aptidão para o trabalho. Frequentou a escola até aos 9 anos, cumprindo a instrução primária, e seguindo desde essa idade os passos do pai, maioral de ovelhas da Casa, acompanhava-o na lida. Com 14 anos, dada a sua paixão pelos cavalos, foi trabalhar como cocheiro em Alpompé, e foi nessa fase que começou a lidar com o gado acompanhando a Tralhoada e os Campinos da Casa às festas e feiras onde os seus préstimos eram necessários. A competência e a habilidade demonstradas foram essenciais para que quando a Casa foi dividida, dando origem à actual, ficar encarregue pelo gado aí existente. Com a transferência do gado para a Herdade do Patrão no Alentejo, também António “Colorau” sempre que lhe era solicitado se deslocava para ajudar os empregados na lida, um trabalho que fazia com gosto. Dada a proximidade geográfica e familiar, sempre que era necessário e o trabalho assim o permitia, o seu patrão dispensava-o para colaborar na Quinta do Castilho propriedade dos primos, onde trabalha o irmão José Colorau, enajulando o gado bravo e acompanhando-o para as corridas dentro e fora do país, e para as Festas, o que acontece até hoje. O apoio do Patrão também tem sido fundamental no percurso de António “Colorau” e nesse ponto é categórico: “tenho um patrão espectacular”. Uma longa relação de respeito mútuo que faz com que a dedicação deste Campino à Casa seja total, tendo-se ausentado apenas para cumprir o serviço militar obrigatório de 16 meses, mantendo-se mesmo assim por perto, assentando praça em Santarém no Regimento de Cavalaria nº7. “O meu Patrão permite-me manter aqui na Casa os meus próprios cavalos, a roulotte e a camioneta para os transportar sempre que necessário, e deixa-me ir sempre que eu preciso, pois sabe que não vou deixar a Casa descuidada - primeiro o trabalho e depois a paródia.”

## A Alcinha e a Família

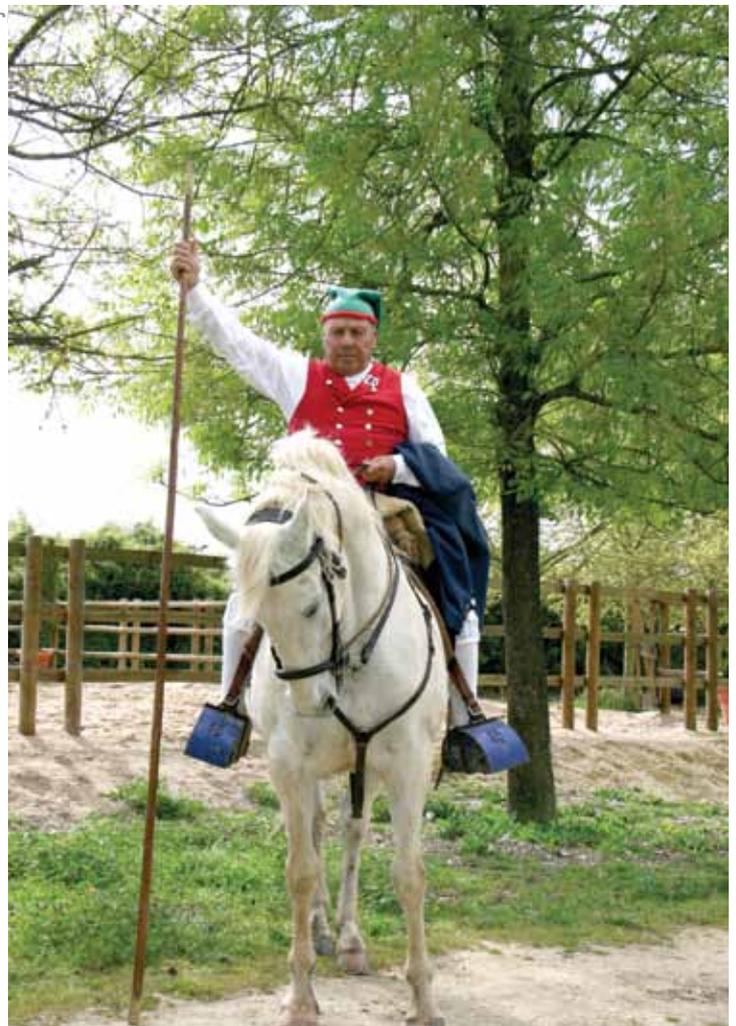
Não tem a certeza da origem da sua alcinha, mas por histórias antigas ouvidas do seu pai pensa que terá como ponto de partida as cores da face do seu tio. “O meu tio era muito encarnado... bebia pouca água, deve ser essa a razão, pelo menos é a que eu saiba, a partir daí o meu pai, o meu irmão, o meu primo e o meu rapaz todos somos “Colorau”. Brincando um pouco com as palavras e com a malandrice que

lhe é característica e a que todos os seus companheiros já se habituaram repete a mesma frase sempre que lhe repetem a pergunta. Porquê Colorau? “As batatas inteiras se não levarem um bocadinho de colorau não prestam.”

Casado há 52 anos com D. Lídia, cozinheira da Casa, é com muito carinho e ternura, com os seus olhos verdes a brilhar, que diz “ela não me quer ver a fazer má figura” referindo-se ao facto de se apresentar sempre impecável onde quer que vá representar a Casa ou na participação nas festas. “Temos de servir de exemplo para os outros, ficando bem vistos e deixando a Casa com uma boa imagem”. O apoio da família que considera importante manifesta-se não só nesse aspecto, mas na dedicação, companheirismo e espírito de sacrifício que também a mulher emprega à campinagem durante as suas ausências. Antigamente nas longas semanas passadas no campo com o gado, e agora quando se desloca para as corridas ou para as festas e feiras. Tem dois filhos, “uma Engenheira e um Electricista”, que não seguiram os seus passos e que “nem a cavalo quiseram andar” segundo diz, um factor que não diminui o orgulho demonstrado quando fala dos descendentes, e dos percursos diferentes seguidos por cada um, referindo que “o importante é sermos bons naquilo que fazemos”.

### **Não há bons Campinos sem bons cavalos**

Falando dos seus cavalos, António “Colorau” orgulhoso afirma “tive a sorte de ter os melhores cavalos que passaram por aqui e isso é muito importante pois não há bons Campinos sem bons cavalos, somos uma equipa”. Gavião e Evasivo são os seus nomes, com porte altivo e uma experiência de anos de trabalho e de companheirismo respondem prontamente aos gestos e aos comandos de António “Colorau”. “Também tenho uma égua cruzada, que está em esperanças e com que já fiz algumas entradas em Santarém, e é boa, mas nunca será como os outros pois já não vai ter a escola, o desenvolvimento e as rotinas com o gado bravo que eles tiveram”. Ilustrando o que fala relembra dois episódios em que o perigo esteve à espreita, mas conseguiu escapar, contando para tal com o desempenho do seu saudoso Alasão Pé-Leve. “Estávamos a enjaular os touros para uma corrida e o terreno como era de areia tinha buracos, o cavalo pôs o casco num buraco e eu caí, levantou-se uma poeirada, o cavalo fugiu para um lado desviando a atenção do touro e eu saí de gatinhas para o outro lado.” “Noutra vez andávamos a enjaular novilhos e tinham aberto valas no terreno para instalar chuveiros, veio um pegar comigo e o cavalo pôs uma mão numa vala e partiu a mão, eu caí e o novilho passou-me por cima, veio o meu irmão e o João Martinho que me ajudaram mas o cavalo teve de ser abatido – chorei muito”, recorda. Para um Campino, o desempenho das montadas não se fica pelo trabalho do dia-a-dia, António “Colorau” é disso um exemplo, já percorreu o País nas Corridas, nas Feiras e nas Festas, e colecciona prémios e troféus dispostos com aprumo pelas paredes e prateleiras de sua casa. Da Corrida Livre até à Gincana dos Fardos, passando pela Condução de Cabrestos, há de tudo, mas António “Colorau” apesar de ser um sério concorrente em todas as provas em que participa, e de as levar muito a peito, diz “também



dou conselhos aos meus colegas, principalmente aos mais novos” explicando-lhes o “gesto da cabeça” efectuado pelo indivíduo que dá a partida para as provas com a bandeira. “Ganhei muitas provas, ganhando metros de avanço aos outros, prestando atenção à cabeça do homem da bandeira”. Participa nas Festas com gosto, pela Festa em si, pelo companheirismo entre os colegas de campinagem, sendo nestas ocasiões que se reencontram alguns que já não se vêem há muito, pelos momentos bem passados e pelos piropos lançados às moças, característicos e que fazem as delícias de que conhece bem António “Colorau”, “gosto muito de ver uma mulher bonita” diz com risos.



Com uma agenda muito preenchida já sabe por onde andará nos próximos meses, enumerando local a local um circuito a que já se habituou há muito, “vou ao Cartaxo, Azambuja, Santa-rém (onde tem um papel muito importante, fazendo parte da Comissão dos Amigos), Benavente, Vila Franca e Alcochete”.

### Campinagem nos dias de hoje

Hoje em dia com a alteração das rotinas de trabalho e dos novos meios utilizados, António “Colorau” é peremptório, “hoje há mais Campinos fardados para as festas, uma vez que agora não há hora da verdade, as camionetas e os tractores substituíram os cavalos no trabalho e a habilidade tende a ser menor”. Segundo conta “dantes havia aqui mais ou menos treze pessoas a trabalhar a cavalo, os maiorais das vacas, dos touros, das éguas, dos garraios, das ovelhas, dos poldros e mais, agora não, existem os arames e as máquinas que fazem quase tudo. O transporte para as feiras e festas era feito a pé com os animais a serem acompanhados pelos Campinos a cavalo, para Vila Franca, Benavente e outros sítios, agora vai tudo de camioneta”. Tudo isto faz com que não exista sequer a possibilidade de evolução dos novos campinos, “é como em todas as profissões se não existe a possibilidade de desenvolverem trabalho não se acostumam, por exemplo agora os touros estão parqueados e para os enjaular só temos de os empurrar. Nas situações em que é preciso ter olho vivo e pé ligeiro, são os mais antigos e experientes que lá vão. São pessoas de idade que lidam com os jogos de cabrestos por exemplo.”



### Um tributo de Vila Franca ao Homem do Colete Encarnado

Habitado às luzes da ribalta, António “Colorau” é presença assídua na televisão, tendo já estado presente em vários programas e concedido entrevistas a vários canais, por vezes sozinho outras acompanhado pelos seus cavalos, já levou inclusive um cabresto “ao Programa do Herman José na SIC” diz com risos, mas apesar disso sempre procurou nesses momentos de exposição pública partilhar experiências de vida e transmitir os principais valores adquiridos e fundamentais a um verdadeiro Campino. Reflexo do seu percurso de uma vida, também tem sido alvo de variadas homenagens levadas a cabo por diversas entidades, pelo que encara esta Homenagem do Município de Vila Franca de Xira, com surpresa, mas também com alguma naturalidade. “É uma surpresa para mim, mas também sou capaz de a merecer porque tenho feito pela campinagem, tudo o que eu posso”. Na sua casa, abundam fotos que documentam esses momentos de reconhecimento e de homenagem, não só dos seus pares, mas também de entidades oficiais, desde Autarcas a Presidentes da República os álbuns de memórias estão recheados, assim como está também a sua vida. Ligado a Vila Franca desde há muitos anos, participa nas Festas do Colete Encarnado há mais de 20 e recorda que apesar da tenra idade esteve presente na sessão de Inauguração da Ponte Marechal Carmona, que completará o seu 60º Aniversário no próximo mês de Dezembro. No próximo dia 02 de Julho, na cerimónia em que receberá o Pampilho de Honra das mãos da Presidente da Câmara Municipal, e que será certamente o momento alto desta edição de 2011 da Festa Maior de Vila Franca de Xira, António “Colorau” terá à sua volta os seus companheiros de lida e de arte, aqueles com quem tem partilhado os momentos de glória, mas também com quem tem tido “picardias naturais da profissão”, mas acima de tudo estará rodeado de verdadeiros amigos, pois segundo diz “as amizades mais antigas são as mais verdadeiras”.

Texto: Cláudio Lotra  
Fotos: Vitor Cartaxo



# Tertúlia “Alhandra, a Toireira”:

## 19 anos a homenagear a Festa Brava



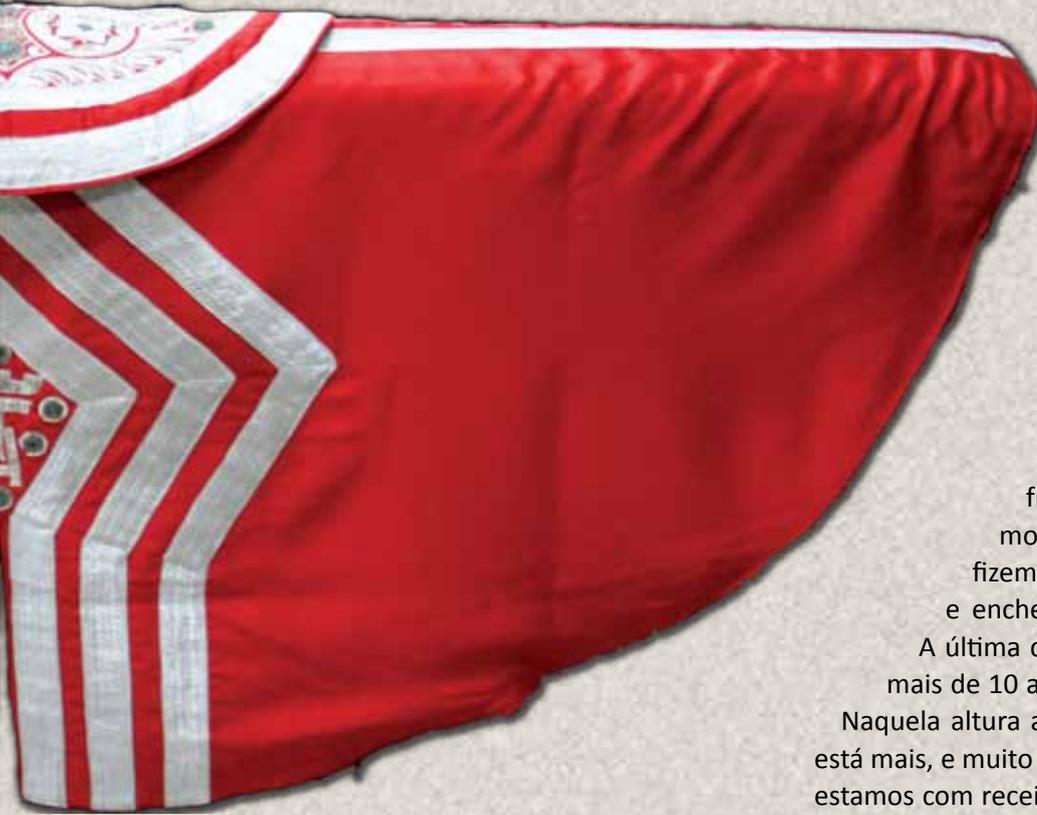
No correr dos números ímpares da Rua Vasco da Gama, em Alhandra, existe uma porta vermelha, no n.º 35, que, numa primeira abordagem, parece ser a entrada de uma moradia, de traça típica dos edifícios que povoam as ruas desta vila de ancestrais tradições tauromáquicas. A porta é afinal um portal. Transposta a soleira, o interior apresenta-se como um local de culto. Povoado de lembranças, objectos e vivências da Festa Brava. É o resultado de 19 anos a homenagear e a promover esta paixão, num mérito exclusivo da Tertúlia “Alhandra, a Toireira”. Este espaço de convívio e promoção da *aficcion* foi baptizado com uma expressão utilizada pelo escritor português Almeida Garrett, na sua obra sobejamente conhecida: “As Viagens da Minha Terra” (1846). Este expoente da literatura nacional, inspirou-se nas tradições, que já à época, eram vivenciadas nesta povoação ribeirinha portuguesa. A paixão pelos touros sobreviveu ao século XIX e XX e a 1 de Novembro de 1992 um conjunto alargado de amantes da Arte Tauromáquica, funda, na Rua Manuel António (n.º 17, Alhandra) a sua primeira sede.

### Divulgar e promover a Festa Brava

Jorge da Conceição Borges, pertencente ao grupo daqueles fundadores, é o Presidente da Direcção da Tertúlia “Alhandra, a Toireira” que, com toda a clareza e determinação, resumiu assim os objectivos gerais da colectividade: “somos vocacionados para divulgar e promover a Festa Brava, não pretendemos que este espaço seja apenas para efeito de convívio entre os tertulianos”. É com base neste objectivo último que a Tertúlia promove visitas guiadas. “Estamos abertos apenas à tarde e mantemos as portas abertas a qualquer visitante. A entrada não está limitada a sócios, bem como não temos reservado o direito de admissão. Qualquer pessoa nos pode visitar. É só agendar”, sublinhou o fundador da “Alhandra, a Toireira”.

Responsável pelo segundo mandato, este acérrimo defensor da Festa Brava e da promoção da sua tipicidade em Alhandra, é com orgulho que se recorda daquilo que considerou um evento histórico organizado por esta colectividade nos últimos anos: o 18.º Aniversário. A 31 de Outubro de 2010, promoveram uma homenagem à família Casquinha, no âmbito do aniversário da Tertúlia. “A referência para nós em termos de trabalho foi o último aniversário, não só pelo que oferecemos, como pela afluência da população. Homenageámos a Família Casquinha, por serem alhandrenses e por tudo o que fizeram por Alhandra. Estava a chover muito, uma carga de água. No dia do festival estava péssimo, impediu até que fizessemos o circuito do gado





como tínhamos pensado, tal como se fazia antigamente. Mas ainda assim, toda a gente ficou satisfeita” garantiu Jorge da Conceição Borges que, com a sua equipa, organizou este Festival Taurino, com actividades desenvolvidas ao longo de dois dias. Estas incluíram um grandioso desfile de campinos e uma espera de touros, eventos estes sempre do agrado dos entusiastas aficionados.

“Foi uma das melhores manifestações taurinas alguma vez realizadas aqui em Alhandra. Este ano, pelo 19.º aniversário, gostaríamos de fazer melhor. Mas as contingências financeiras que estamos a viver, podem dificultar as coisas. Se não for para este, será feito para o ano que vem. No entanto, o que pretendo mesmo é organizar aqui, uma grande corrida

de touros. No Concelho fomos a primeira freguesia a ter praça de touros e queremos mostrar às pessoas como era a tradição. Já fizemos homenagens com corridas de touros e encheram. É com isso que estamos a contar.

A última que fizemos foi ao Ludovino Bacatum, há mais de 10 anos e correu bem em termos de público.

Naquela altura a *aficcion* não estava tão enraizada, hoje está mais, e muito contribuiu o nosso trabalho. Por isto, não estamos com receio em termos do retorno financeiro desta iniciativa” confessou o líder dos tertulianos.

Para este ano está garantida a participação nas Festividades de Alhandra, em Honra de S. João, com uma tradicional largada de touros. A presença no Colete Encarnado também não será descurada. No primeiro fim-de-semana de Julho, a Tertúlia “Alhandra, A Toireira” estará representada num quiosque, junto ao Núcleo Museológico do Mártir Santo, em Vila Franca de Xira, juntando-se às várias tertúlias que nessa data abrem as suas portas para receberem os visitantes e aficionados que à cidade se deslocam para assistir às Festas do Colete Encarnado. Aliás é com regozijo que o seu Presidente recorda que “é a única Tertúlia do Concelho que, estando sediada fora de Vila Franca de Xira, se faz representar na Festa do Colete Encarnado. É a oportunidade de promovermos a Casa e nos associarmos às festividades” adiantou.





## O espólio

Detentora de um extenso e valioso espólio tauromáquico, a Tertúlia, através da Direcção de Jorge da Conceição Borges pretende, neste mandato de 2011 a 2013, angariar verba para a aquisição de um expositor. “Queremos um móvel envidraçado para podermos guardar os fatos dos toureiros do nosso espólio. São demasiado valiosos para estarem expostos em cabides, sem protecção. Para o nosso próximo aniversário gostaríamos de poder já contar com ele”, confessou o Presidente. São espólio desta tertúlia os fatos dos famosos toureiros Ludovino Bacatum, Laurentino Boeiro e do bandarilheiro Jesus Nunes (na Tertúlia existe a preciosidade do seu Capote de Passeio, bordado magistralmente com o símbolo da “Alhandra, a Toireira”). Aliás, esta estrela tauromáquica doou todo o seu espólio à Tertúlia alhandrense. Não falta ainda a extensa galeria fotográfica, representando grandes nomes da Festa Brava, assim como todo o tipo de memoráveis recordações: cartéis (a mais antiga data de 1897, com reses de Ferreira Jordão), a pauta do hino da Tertúlia (autoria do Maestro João Borges, criada em 1993 e autografado por Mário Soares, no âmbito da Presidência Aberta), uma imponente cabeça de touro (com ferro do ganadero Alhandrense Tomaz da Costa, doada pelo fotógrafo taurino João Trigueiros, também ele conterrâneo dos tertulianos), literatura diversa e até uma colecção encadernada das edições do já extinto jornal Vida Ribatejana (edições de 1939 a 1969). Não faltam também vários objectos tradicionalmente ligados ao campo, à *faena*: esporas, chocalhos, cabrestos e bandarilhas, uma concertina de madeira e uma grafonola (cada um com mais de 100 anos de existência), duas violas e um candeeiro a petróleo, são relíquias musealizadas por estes amantes da tauromaquia.

Actualmente são 26, o total de sócios que compõe a massa associativa da Tertúlia “Alhandra, A Toireira”. Como afirmou

o Presidente da Direcção com um rasgado sorriso “são poucos, mas bons. Aliás, quero também aqui prestar uma homenagem aos meus companheiros de Direcção, especialmente a José Manuel Coelho e Ricardo Lopes, foram de facto eles que me deram um grande apoio e uma certa alma a esta casa. Enfim o que queremos mesmo é manter o trabalho que temos vindo a desenvolver e contribuir para divulgar e promover a Festa Brava”.

Texto: Prazeres Tavares  
Fotos: Ricardo Caetano



# Uma Bandeira de Vila Franca de Xira

## Escola de Toureio José Falcão



### 27 anos a formar novas gerações de Toureiros

Fundada em 11 de Agosto de 1984, coincidindo com o 10º Aniversário da morte do matador de touros vilafranquense, a Escola de Toureio José Falcão completará este ano 27 anos de actividade. Em Outubro de 1996 foi constituída a Sociedade Gestora da Escola, composta pelo Município de Vila Franca de Xira, a Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira e o Clube Taurino Vilafranquense, entidades que se encontram representadas nos órgãos sociais da Escola. Sendo desde 2001 a única escola de Toureio portuguesa inscrita na Federação Internacional de Escolas Taurinas, é muito frequente a participação dos seus alunos nas Praças de Touros espanholas e francesas, permitindo assim levar o nome de Vila Franca de Xira mais longe. O dia 13 de Junho de 2003 foi outra data marcante para a Escola, data da assinatura do Protocolo de cedência das instalações do Tentadero do Cabo, o que se revelou fundamental para o crescimento e desenvolvimento da Escola.

Presidida por António José Inácio, com Direcção Técnica de José Manuel Rainho, é sob orientação do Maestro Victor Mendes, que os alunos trabalham arduamente para atingir o êxito e a glória.

### O Papel Social da Escola

Segundo o Presidente António José Inácio, a Escola de Toureio José Falcão, para além da formação de toureiros, desempenha também um papel relevante na inclusão social de jovens em risco. Destaca neste campo o papel fundamental do Maestro Victor Mendes no acompanhamento e formação destes jovens “o Maestro vai buscar os jovens para os transportar para o tentadero, trabalhando com eles e contribuindo para que estes se mantenham ocupados com algo que poderá modificar o seu futuro, não permitindo que caiam na marginalidade” acrescentando que “o toureio apeado não é uma actividade exclusiva de quem tem muito dinheiro, uma vez que temos grandes nomes do toureio já formados na Escola, oriundos de famílias humildes e apoiados pela escola.” Para além desses jovens, o Presidente refere também que “a Escola foi contactada pela Escola Secundária Alves Redol para recepção de alguns alunos que, tendo algumas dificuldades de aprendizagem, poderão ser encaminhados para efectuarem a formação na arte do Toureio, e se tiverem talento e espírito de sacrifício, fazer disto a sua vida”.

### Os êxitos dentro e fora de “portas”

Já com alguns nomes sonantes da arte do Toureio, formados na José Falcão, como António João Ferreira “Tojó” ou Nuno Miguel Casquinha, uma das principais esperanças da Escola é Tiago Santos, que segundo o Presidente “é o mais bem preparado para ser matador de toiros”, tendo-se sagrado “Triunfador” da Novilhada ocorrida no Campo Pequeno, no âmbito de um Encontro Internacional de Escola Taurinas, intercâmbios que permitem uma partilha de experiências e de conhecimentos entre os alunos das escolas de vários pontos do mundo.

Com participações bem conseguidas pelos alunos da José Falcão os convites são muitos e existem sempre muitas deslocações na agenda. O Director Técnico, José Manuel Rainho, destaca a participação dos alunos da Escola na Garraiada da Sardinha Assada na Palha Blanco, na madrugada do dia 03 de Julho, incluída no Programa do Colete Encarnado; as Novilhadas de Intercâmbio da Federação Internacional das Escolas Taurinas a realizar nos dias 16 e 17 de Julho em Valência e em Vale Laguna em Espanha; assim como uma deslocação ao Sul de França em Agosto.

### Uma Arte com Tradição e com Futuro

Sendo que actualmente a maioria dos alunos da Escola residem fora do Concelho, o principal objectivo passa, segundo o Presidente António Inácio, por cativar os jovens do Concelho de Vila Franca de Xira. “O futuro depende dos jovens, em todas as áreas, aqui também, é aqui que estamos, é aqui que a Câmara Municipal investe e é aqui que queremos ficar, crescer e sobressair”. Para tal foram efectuadas duas iniciativas com vista à angariação de alunos, residentes no Concelho, a distribuição de informação nas escolas, em todos os eventos realizados na Palha Blanco e a realização de uma aula prática na Praça de Touros montada por ocasião das Festas Anuais da Vila do Forte da Casa no passado dia 11 de Junho. Quanto ao futuro da Escola o Presidente é peremptório “Sem minorar os apoios de todas as entidades envolvidas, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira tem sido o parceiro forte neste projecto e sem a Câmara Municipal não haveria Escola de Toureio” – destacando o empenho e a *afficion* da Presidente Maria da Luz Rosinha.

**“Vocês, os mais novos,  
vão encontrar belas coisas para fazer...**

**Nessa altura, se o merecer,**

**lembrem-se de mim...”**



Museu do Neo-Realismo 2011

## Vila Franca de Xira assinala Centenário do Escritor Alves Redol

**Vila Franca de Xira, terra de fortes tradições tauromáquicas, de gente que gosta de (bem) receber e conviver,** abre, de novo, as suas portas, a todos quantos nos honram com a sua presença na **Festa Maior da nossa cidade: o Colete Encarnado**. Tempo por excelência de animação e de reunião de amigos, de ruas vibrantes de sorrisos e boa disposição, é também um tempo que gostamos de considerar especial porque nos permite dar a conhecer outros aspectos da nossa História e Património, que se cruzam, inevitavelmente, com o espírito da Festa. Ao longo do corrente ano, **Vila Franca de Xira assinala o Centenário do nascimento do escritor Alves Redol** (1911-1969), natural de Vila Franca de Xira e nome incontornável no panorama literário português, cuja obra abarca de meados dos anos 30 a finais dos anos 60 do séc. XX. O seu primeiro romance, “Gaibéus” (1939), é considerado um marco na história do neo-realismo em Portugal, uma escrita particularmente vocacionada para a problemática social num país sob regime ditatorial, uma escrita que, por isso mesmo, se confrontou com o poder instituído – muitos textos de autores neo-realistas conheceram a fúria cega do famoso “lápiz azul” da censura -, com implicações também na vida pessoal dos próprios escritores. **Alves Redol cedo começa a escrever**, primeiro crónicas para jornais, mais tarde romances, teatro, contos, literatura infantil, argumentos de filmes, etc. Participante activo na vida da sua terra, colaborava assiduamente com o movimento associativo e, acima de tudo, **observava e registava os modos de vida, os hábitos e dificuldades das gentes desta terra da beira-rio** e de outras com as quais fez questão de contactar de perto, como no caso da aldeia com nome de mulher, cuja vivên-

cia o escritor nos deixou nas páginas de “Glória – Uma Aldeia do Ribatejo” (1938), estudo de pendor etnográfico, retrato de uma aldeia e dos homens e mulheres que a habitavam e que Redol acompanhou no seu quotidiano, **para melhor registar no seu olhar. Das gentes de Vila Franca de Xira, Redol fixou, nas suas palavras,** para além dos “Gaibéus”, os “Avieiros” (1942), mas também os varinos, os trabalhadores à jorna, os operários fabris, os grandes proprietários, as gentes rurais e os novos cidadãos, num imenso quadro humano, espelho de uma realidade contextualizada mas cujos traços essenciais se mantém na natureza do homem, que Redol soube observar com mestria. A sua extensa obra literária, mas também o seu importante contributo na área das artes e da reflexão sobre a natureza humana, são factores de que Vila Franca de Xira se orgulha e que faz questão de evocar e dar a conhecer, porque esta é também **a nossa história, a nossa memória, o nosso património cultural**. No ano em que assinalamos o centenário do escritor, **a Câmara Municipal, através do seu Museu do Neo-Realismo e em articulação com um conjunto de entidades da cidade** para quem o nome de Redol tem também particular significado (Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, Ateneu Artístico Vilafranquense, Cooperativa Alves Redol, Agrupamento de Escolas Alves Redol e Secção Cultural do União Desportiva Vilafranquense), apresenta uma **diversificada programação** que poderá consultar nas páginas da Internet da Câmara Municipal e do Museu do Neo-Realismo, ou junto de qualquer uma das entidades acima referenciadas. No domínio da **programação do Museu do Neo-Realismo**, destacamos, desde já, o **Ciclo de Cinema** “Imagens e Palavras de Alves Redol”, em particular, a estreia do filme-documentário de Francisco Manso, “Alves Redol”, que terá lugar a 14 de Outubro próximo, no Auditório do Museu, pelas 19h00. Ainda em Outubro, mês forte da nossa programação no âmbito desta efeméride, o Museu dedica praticamente todo o seu espaço a Alves Redol, com **três exposições** que inauguram a 22 desse mês e se prolongam até Março de 2012, a saber: Exposição biobibliográfica “Alves Redol – Centenário”; “Alves Redol, a Fotografia e o Documento” e “Alves Redol em BD: projectos de banda-desenhada em torno da narrativa redoliana”. O **Congresso Internacional “Centenário de Alves Redol”**, organizado pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Museu do Neo-Realismo e Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, nos dias 19, 20 e 21 de Janeiro de 2012, encerram a vasta programação dedicada ao homem que, um dia, escreveu: “Vocês, os mais novos, vão encontrar belas coisas para fazer... Nessa altura, se o merecer, lembrem-se de mim...”. Redol merece. E nós não o esquecemos.

Ficha Técnica

# REVISTA COLETE ENCARNADO

#### Propriedade

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

#### Direcção

Maria da Luz Rosinha

Presidente da Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira

#### Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Departamento de Cultura, Turismo  
e Actividades Económicas

#### Redacção

Gabinete de Informação e Relações Públicas  
*Ana Sofia Coelho, Cláudio Lotra,  
Filomena Serrazina, Prazeres Tavares*  
Museu do Neo-realismo  
*Fátima Faria Roque*

#### Fotografia

Gabinete de Informação e Relações Públicas  
*Ricardo Caetano, Vitor Cartaxo*

#### Design e Paginação

Gabinete de Informação e Relações Públicas  
*Carla Félix*

#### Impressão

Santos & Oliveira, Lda

#### Tiragem

3000 exemplares

#### Distribuição gratuita

Junho 2011



# A Rota Histórica das Linhas de Torres. Um Património a Descobrir

## COLETE ENCARNADO Agradecimentos



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

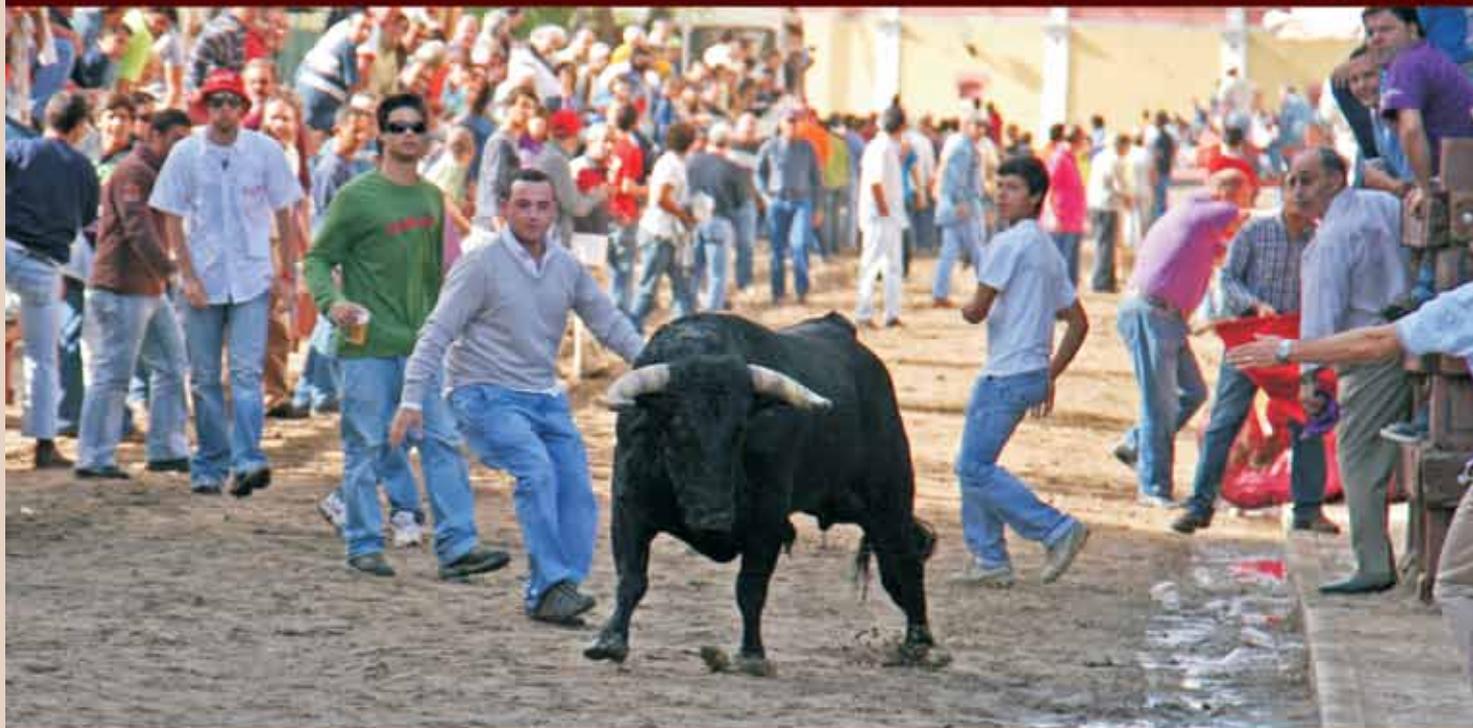
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)

# 16 JUNHO OUTUBRO

# Feira Anual

PARQUE URBANO DE **VILA FRANCA DE XIRA**

## XXXI Salão de Artesanato



**30 de Setembro  
a 9 de Outubro de 2011**



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



Patrocínios Colete Encarnado

